

## Considerações em torno do contexto pós-moderno – questões conceituais

*A idéia de modernidade na sua forma mais ambiciosa, foi a afirmação de que o homem é o que ele faz, e que, portanto, deve existir uma correspondência cada vez mais estreita entre a produção, tornada mais eficaz pela ciência, a tecnologia, ou a administração, a organização da sociedade, regulada pela lei e a vida pessoal, animada pelo interesse, mas também pela vontade de se libertar de todas as opressões. Sobre o que repousa essa correspondência de uma cultura científica, de uma sociedade ordenada e de indivíduos livres, senão sobre o triunfo da razão? Somente ela estabelece uma correspondência entre a ação humana e a ordem do mundo...É a razão que anima a ciência e suas aplicações; é ela também que comanda a adaptação da vida social às necessidades individuais ou coletivas; é ela, finalmente, que substitui a arbitrariedade e a violência pelo Estado de direito e pelo mercado. A humanidade, agindo segundo suas leis, avança simultaneamente em direção à abundância, à liberdade e à felicidade*

(A. Touraine, in "Crítica da Modernidade")

### RESUMO

O artigo visa a exposição das reflexões sobre as causas que geraram tanto o arrefecimento da busca de compreensão do contexto histórico social em que nos encontramos, quanto a afirmação dos discursos direcionados aos segmentos mais urgentes de atuação e solução sociais. A tentativa é a de investigar se o enfraquecimento da busca de compreensão sobre a existência ou não de uma pós-modernidade, é decorrente da migração de uma preocupação de âmbito geral para uma preocupação de âmbito local (pragmatista). A temática justifica-se, segundo nosso entendimento, em função do discurso, de base acadêmica, que ao mesmo tempo em que prega uma ação inter, multi e transdisciplinar e multiculturalista, sustenta uma condição cada vez mais fragmentada, forjando "guetos", ou comunidades (para usar uma expressão web), organizadas a partir de interesses cada vez mais restritos, promovendo um distanciamento de interesses macro-sociais.

**Palavras-chave:** Modernidade; Pós-modernidade; Discurso; Filosofia.

---

\* Docente do Depto. de Educação do Instituto de Biociências, UNESP – Rio Claro. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2001). E-mail: mreami@rc.unesp.br

## ABSTRACT

This paper aims to expose reflections on the causes that generated both the dampening of seeking understanding the historical context in which we find ourselves and the claim of the speeches directed to sectors that have a more urgent need of acting and social solution. The attempt is to investigate if the weakening of seeking understanding the existence, or not, of a postmodernity is caused by the migration of a general concern for the interests of local scope (pragmatist). The theme is justified, in our view, on the academic speech that, at the same time, it preaches a multidisciplinary, interdisciplinary, transdisciplinary and multiculturalist action, it maintains a condition increasingly fragmented, forging "ghettos" or communities (using a web expression) arranged from ever greater restricted interests, promoting a detachment of macro social interests.

**Keywords: Modernity; Postmodernity; Speech; Philosophy.**

## Introdução

Durante as décadas de 1980 e 1990 houve um amplo debate dentre intelectuais, provenientes, sobretudo, das áreas de filosofia, sociologia, literatura, história e antropologia acerca do fenômeno denominado de pós-modernidade. Essa temática suscitou posturas variadas sobre a existência, ou não, de um novo contexto histórico-cultural pós-moderno. Há uma vasta produção bibliográfica sobre o assunto, dentre as quais destacamos: *Crítica da Modernidade* (A. Touraine), *Condição Pós-Moderna* (D. harvey), *Pós-Modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio* (F. Jameson), *Poética do Pós-Modernismo* (L.Hutcheon), *As Origens da Pós-Modernidade* (P. Anderson), *Introdução às Ciências Pós-Modernas, Um Discurso sobre as Ciências* (Boaventura de Sousa Santos), *A Era da Informação: Economia, sociedade e Cultura* (M. Castells), *O Mal-Estar no Pós-Modernismo* (E.A. Kaplan – org.), *O Dédalo. Para finalizar o século XX* (G. Balandier), *Culturas Híbridas* (N. G. Canclini), *A Condição Pós-Moderna* (J.F. Lyotard), *As Razões do Iluminismo* (S. P. Rouanet), *A Condição Política na Pós-Modernidade* (M.G. Peixoto), *Jamais Fomos Modernos* (B. Latour). Essas obras (e outras tantas) demonstram a preocupação teórica que vigia naquele momento e que refletia uma busca de compreensão dos principais eventos ocorridos, sobretudo, a partir dos anos 60, que promoviam grandes mudanças nas formas das relações sociais, políticas e culturais nas sociedades européias e americanas, principalmente.

Nos anos iniciais do século XXI (entre 2000 e 2005), os indicadores de produções bibliográficas apontam para um arrefecimento dessa preocupação teórica. A questão em torno do debate se existe e estamos, ou não, em um novo contexto pós-moderno, parece que deixou de preocupar os intelectuais envolvidos com a causa, não cativou novos adeptos e, mais, tornou-se desnecessária frente aos gritantes problemas "locais" (com lugares definidos) que nos assolam, em todas as

áreas (política, econômica, educacional, social). Condições, tais como o crescimento da violência (na escola, na família, dentre gangues rivais), o “stress social” (provocado pelo excesso de trabalho, desequilíbrio econômico, etc), os movimentos fundamentalistas, os movimentos ambientalistas, a preocupação com a saúde preventiva, se colocaram como prioritárias e os discursos (educacionais, econômicos, políticos, midiáticos), são direcionados às práticas que visam as soluções mais imediatas dos problemas, visando criar condições de sustentabilidade (palavra de “ordem” nos discursos).

Na tentativa de compreender mais amplamente a problemática que gira em torno desse movimento em seu caráter teórico, o presente artigo visa a uma reflexão acerca das causas que geraram tanto o arrefecimento da busca de compreensão do contexto histórico social em que nos encontramos, quanto a afirmação dos discursos direcionados aos segmentos mais urgentes de atuação e solução sociais. A tentativa é a de investigar se o enfraquecimento da busca de compreensão sobre a existência ou não de uma pós-modernidade, é decorrente da migração de uma preocupação de âmbito geral para uma local (mais pragmatista). A temática justifica-se, segundo nosso entendimento, em função do discurso, de base acadêmica, que ao mesmo tempo em que prega uma ação inter, multi e transdisciplinar e multicuturalista, sustenta uma condição cada vez mais fragmentada, ocupada por guetos, ou comunidades (para usar uma expressão web).

A discussão que gira em torno da conceituação do termo pós-moderno ganha fôlego histórico principalmente a partir dos anos 60 e 70. Tem sua marca presente principalmente nos novos modelos estéticos, representados pela arquitetura e literatura.

A pós-modernidade é vista por vários estudiosos (tais como Lyotard e Boaventura de Sousa Santos), como um movimento de superação da modernidade, que por sua vez, também expressa a rejeição a um modelo anterior (teológico). Nesse sentido, a ilustração (movimento intelectual que rompe com o controle da igreja católica), apesar de ser considerada a “geradora” da crise do conhecimento no século XX, pode ser considerada como “a proposta mais generosa de emancipação jamais oferecida ao gênero humano.” (ROUANET, 1987, p. 27). No entanto, sua postura teleológica (preocupação enfática com finalidade do conhecimento), desencadeia, principalmente a partir da década de 50 um movimento de rejeição aos padrões estabelecidos. Este movimento é nomeado pós-moderno.

## Modernidade e modernismo

Segundo a concepção de Baudelaire (*apud* HARVEY, 1996, p 21) “a modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável”. Tal movimento demonstra uma oscilação de conceitos que ora é apresentado pela manifestação de poder, ora pela ausência.

Se Baudelaire se preocupa com o conceito, Berman (*apud* HARVEY, 1996, p. 21), se preocupa com a condição da modernidade.

“ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo e, ao mesmo tempo que, ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. [...] a humanidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade.”

Dessa forma, o projeto de modernidade é caracterizado como o rompimento com o passado: é o projeto de uma temporalidade livre (palavra chave da modernidade). O ideário moderno propôs a libertação da razão (da fundamentação teológica), é a negação dos mitos, a liberdade de uso do poder (atributo eminentemente humano capaz de ser exercido por todo indivíduo que dele pudesse se apropriar). É a defesa da propriedade privada, que expressa o “direito” de “igualdade entre os homens” (independente do crivo religioso). É a “crença” na ciência objetiva, na moralidade humana, na arte autônoma e na lei universal.

Canclini (1997, p. 31-32), analisa a modernidade como um projeto movido por quatro movimentos básicos: um “projeto emancipador”, que caracteriza a racionalização da vida social e do individualismo crescente, sobretudo nas grandes cidades. Um “projeto expansionista”, caracterizado por um conhecimento dominante, que promove as descobertas científicas e o desenvolvimento do capitalismo. Um terceiro projeto, “renovador”, o qual abrange a concepção de mundo laicizada e a necessidade de “reformular várias vezes os signos de distinção que o consumo massificado desgasta”. O quarto projeto é o “democratizador”, este prevê que a educação, a arte e o saber especializado garantam a “evolução racional e moral”; caracteriza-se pelos programas educativos de popularização da ciência e da cultura empreendidos por governos liberais.

Empregando essa mesma concepção, Harvey (1996, p. 23) coloca que

o pensamento iluminista abraçou a idéia do progresso e buscou ativamente a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade. Foi, sobretudo, um movimento secular que procurou desmitificar e des-sacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos de seus grilhões.

O otimismo iluminista, porém, sofrerá ampla revisão e terá suas bases questionadas, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX. O acirramento do imperialismo econômico, as duas guerras mundiais, ameaças nucleares e o desenvolvimento (ainda que inicial) do processo de informatização e da mídia (que se tornariam as maiores forças de poder a partir dos anos 70), mostraram claramente que a proposta iluminista não atingira o fim almejado. A sociedade dessacralizada e desmitificada demonstrou-se paradoxal quanto ao processo de “libertação dos seres humanos de seus grilhões”. O acirramento de políticas econômicas imperialistas, crescimento de movimentos fundamentalistas, a transposição de barreiras prometidas pela derrocada da União Soviética (iconizada pela queda do Muro de Berlim), longe de concretizarem o projeto de liberdade, impuseram amplos processos de subordinação a partir da implantação da política econômica neoliberal (que se constitui por uma nova determinação de produção denominada

toyotista), da hipervalorização da pesquisa científica de cunho tecnológico (a ciência vista como uma tecnociência), da banalização da arte e da informação (postas pelo consumo midiático), e do processo de globalização.

Os conflitos deste século permaneceram subjacentes à problemática humana: relação entre meios e fins e a identidade do possuidor da razão superior e em que condições esta seria exercida. (HARVEY, 1996). Sob essa ótica, o século XX apresenta-nos um contexto sócio-político-econômico e cultural que imprime a crise do projeto iluminista. As críticas instituídas nos últimos 30 anos do século XX constituem-se em torno de análises diversificadas e divergentes que conduzem às posturas ceticistas, pessimistas e até niilistas.

Mais do que por meio de críticas teóricas, vários pensadores expressaram sua rejeição através de suas obras (arte, literatura, arquitetura); o significado dessas posturas caracteriza, expressamente, o que se pode chamar de movimento pós-moderno.

No campo intelectual, entretanto, a preocupação com a razão científica (de Bacon até o ideário de liberdade do “espírito da Revolução Francesa”; e a crítica à sociedade burguesa que na proposta marxista conduz à transformação dos modos de produção), promoveu o surgimento das propostas *teleológicas* (que enfatizava a finalidade da ação), mas não caracterizou a negação do projeto iluminista. Este, porém, não é um movimento sem oposição, segundo D. Harvey (1996, p.25): o projeto da modernidade nunca deixou de ter seus críticos - E. Burke, Malthus, Sade, M. Weber e Nietzsche - cada a sua forma, demonstrou as dúvidas, limitações econômicas, repressão da liberdade e a ilusão social que caracterizaram o ideário proclamado.

A arte moderna, centrada na questão estética; foi um dos destaques centrais do modernismo. Expressou uma gama muito variada de artefatos culturais: “a busca da experiência estética como fim em si mesma se tornou, com efeito, o marco do movimento romântico que gerou ‘o subjetivismo radical’, o individualismo desenfreado e a busca de auto realização individual.” (HARVEY, 1996, p. 29).

As transformações na esfera da política econômica resultarão no projeto de globalização. Vale lembrar que, se no início do século XX, T. W. Taylor e H. Ford tiveram um significado profundo para a sistematização das formas de produção do sistema capitalista, com a implantação da linha de produção que promove o desenvolvimento da indústria, no período pós-Segunda Guerra a reorganização da economia mundial propõe uma nova forma de produção, denominada de toyotismo (liderada pelo modelo japonês) que submeterá a produção a uma lógica diferente daquela de base taylorista. Tal lógica repercutirá em mudanças nas condições e organizações do trabalho e mesmo na formação de profissionais (tanto de nível técnico quanto acadêmico).

As razões principais da efervescência de mudanças ocorridas num contexto sócio-histórico-cultural denominado pós-moderno devem-se, segundo as leituras de intelectuais tais como Harvey, Jameson, Anderson, Rouanet (entre outros), em primeiro lugar, ao esfacelamento da visão artístico-literária modernista, que reflete uma nova relação entre artista e burguesia e dos novos contornos econômicos que prometiam amplo crescimento no período pós-guerras.

Há que se considerar ainda a crise provocada pelo crescimento das duas forças antagônicas que impulsionaram a economia: de um lado, o “capitalismo benevolente” (A. Smith) que liberta a sociedade das amarras feudais e provoca o desenvolvimento do capitalismo liberal. De outro, em oposição a este, o regime socialista. A oposição entre estas duas forças provoca a disputa pela hegemonia política, que resulta no surgimento dos regimes totalitários tais como o fascismo, estalinismo e nazismo.

A arte, não apartada deste contexto, sofre uma forte influência histórica, expressa a visão política de mundo; as obras de Liger, Picasso e Aragon revelam, sobretudo, a forte influência socialista sobre estes artistas. As políticas totalitárias são “denunciadas” através de suas obras, que procuram desmitificar o caráter universal da história moderna.

No entanto, após a Segunda Guerra Mundial inicia-se um movimento de “despolitização” do modernismo (com ascensão do expansionismo abstrato) que expressa, segundo D. Harvey (1996) a alienação e ansiedade individual; é a fragmentação violenta e destruição da criatividade. A manifestação norte americana em defesa do individualismo e da liberdade de expressão aponta para a separação radical entre a arte e a política, característica forte da “identidade” do pós-modernismo.

A partir da década de 1960 proliferaram os movimentos de contracultura e antimodernos. Esses movimentos caracterizaram o combate fervoroso ao alto modernismo cultural, e adquiriram tamanho significado que resultaram na grande “rebelião intelectual de 68”, que se manifestou em grandes centros urbanos, tais como: Paris, Praga, Madrid, Berlim e Cidade do México. Este movimento de rebelião foi, na análise de Harvey (1996), “o arauto cultural e político de ‘virada’ para a pós-modernidade.”

## A expressão do pós-moderno

De acordo com Rouanet (1987, p.229),

temos que aceitar filosoficamente o fato de que na opinião de grande número de pessoas, nem todas lunáticas, entramos na era da pós-modernidade. Uns aplicam o termo exclusivamente à arquitetura, ou à literatura, ou à pintura. Outros o estendem à totalidade da esfera cultural, abrangendo também a ciência e a filosofia. Outros, enfim, aplicam o termo à economia, à política, à sociedade em geral.

No entanto, a problemática que gira em torno do termo, criando controvérsias e divergências, reflete a necessidade de compreensão dos novos modelos de pensamento presentes nas áreas citadas, necessária ao mundo pós-industrial, globalizado, pragmatizado. Nesse sentido, a reflexão sobre a pós-modernidade conduz à diversas posturas de pensadores, intelectuais, críticos que se manifestam diferentemente na abordagem do tema. Dessa forma, pode-se destacar autores que elaboraram uma leitura crítica negativa a respeito da pós-moderni-

dade como é o caso de F. Jameson, em *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1996), que se dedica a análise da ideologia presente no discurso da pós-modernidade, instrumentalizado com o referencial dialético do materialismo histórico de K. Marx.

Por outro lado, há pensadores que, ao abordarem o tema, preocuparam-se somente com a análise dos fenômenos que representam esse movimento; esse é o caso de Linda Hutcheon, em *Poética do Pós-modernismo* (1991). Na obra a autora afirma que:

a pós-modernidade é um fenômeno cultural atual que existe e tem provocado muitos debates públicos por isso merece uma atenção crítica. A pós-modernidade, neste sentido, tem caráter dialético. A recusa dos padrões modernos conduz ao desafio de se evidenciar a fabricação de fatos históricos a partir de acontecimentos brutos do passado, ou em termos mais gerais, a maneira como nossos diversos sistemas de signos proporcionam sentido a nossa experiência (HUTCHEON, 1991, p.13).

Ihab Hassan, outro teórico da pós-modernidade compara, a partir dos contextos, as oposições estilísticas entre a modernidade e a pós-modernidade, demonstrando as características desta como oposição àquela. Dessa forma, Hassan constrói uma “tabela” interpretativa sobre as distinções que caracterizam a oposição entre o modernismo e o pós-modernismo, que são esquematizadas da seguinte forma:

<b>modernismo</b>	<b>pós-modernismo</b>
<i>romantismo/simbolismo</i>	<i>parafísica/dadaísmo</i>
<i>forma (conjuntiva, fechada)</i>	<i>antiforma (disjustiva aberta)</i>
<i>propósito</i>	<i>jogo</i>
<i>projeto</i>	<i>acaso</i>
<i>hierarquia</i>	<i>anarquia</i>
<i>domínio/logos</i>	<i>exaustão/silêncio</i>
<i>objeto de arte/obra acabada</i>	<i>processo/performance/happening</i>
<i>distância</i>	<i>participação</i>
<i>criação/totalização/síntese</i>	<i>descrição/desconstrução/antítese</i>
<i>presença</i>	<i>ausência</i>
<i>centração</i>	<i>dispersão</i>
<i>gênero/fronteira</i>	<i>texto/intertexto</i>
<i>semântica</i>	<i>retórica</i>
<i>paradigma</i>	<i>sintagma</i>
<i>hipotaxe</i>	<i>parataxe</i>
<i>metáfora</i>	<i>metonímia</i>
<i>seleção</i>	<i>combinação</i>
<i>raiz/profundidade</i>	<i>rizoma/superfície</i>
<i>interpretação/leitura</i>	<i>contra interpretação/desleitura</i>
<i>significado</i>	<i>significante</i>

<i>lisible (legível)</i>	<i>scriptible (escrevível)</i>
<i>narrativa (grandes histoire)</i>	<i>antinarrativa (petit histoire)</i>
<i>código mestre</i>	<i>idoleto</i>
<i>sintoma</i>	<i>desejo</i>
<i>tipo</i>	<i>mutante</i>
<i>genital/fálico</i>	<i>polimorfo/andrógeno</i>
<i>paranóia</i>	<i>esquizofrenia</i>
<i>origem/causa</i>	<i>diferença-diferença/vestigio</i>
<i>Deus-pai</i>	<i>Espírito santo</i>
<i>metafísica</i>	<i>ironia</i>
<i>determinação</i>	<i>indeterminação</i>

(I.HASSAN *apud* HARVEY, 1996, p. 48). A tabela de Hassan demonstra, numa análise comparativa, as oposições e tendências de um e de outro movimento. Estas tendências identificam as características básicas dos “critérios” estabelecidos para os modelos de conhecimento na pós-modernidade em comparação à modernidade.

Com esta breve descrição que diferencia estes três teóricos (que não serão analisados comparativamente aqui neste texto), pode-se, pelo menos verificar a existência das produções teóricas diversificadas sobre o tema pós-moderno.

Dessa, forma, se a leitura crítica, de F. Jameson aponta para uma crítica negativa sobre a pós-modernidade, Linda Hutcheon (1991, p.16) segmenta sua análise por outras vias; segundo a autora “o pós-moderno não assinala uma mudança utópica racial”, não existe ainda uma ruptura, “a cultura é desafiada, questionada, ou contestada, mas não implodida”.

No entanto, dentre as controvérsias que existem há um problema comum em relação ao termo e refere-se ao “envelhecimento da modernidade.” (ROUANET, 1987, p. 230):

as vanguardas do alto modernismo perderam sua capacidade de escandalizar e se transformaram em *stablishment*; os grandes mitos oitocentistas do progresso em flecha e da emancipação da humanidade pela ciência ou pela revolução são hoje considerados anacrônicos; a razão, instrumento com que o iluminismo queria combater as trevas da superstição e do obscurantismo, é denunciada como principal agente de dominação.

No fundo, o problema que está no cerne desta questão, é o “envelhecimento da modernidade”, fator que gera, nos críticos da modernidade a necessidade de se verificar se há uma ruptura entre a modernidade e a pós-modernidade; ou se ao contrário, como afirma Linda Hutcheon, o movimento que caracteriza a pós-modernidade representa apenas uma crise, um questionamento acerca do projeto da modernidade. Assim, deve-se observar que, a pós-modernidade pode ser identificada como um movimento ou um estilo (estético principalmente), ou apenas um conceito periodizador. Se tem potencial revolucionário, ou é pura “comercialização e domesticação do modernismo”; ou ainda se “solapa” a política neoconservadora



ou se integra a ela<sup>1</sup>. São esses questionamentos que conduzem à necessidade de estudos, análises, reflexões sobre o tema.

Para uma melhor contextualização temática, o termo pós-moderno será compreendido, primeiramente na esfera econômico-política - *pós-modernização* e, posteriormente, na esfera cultural (ciência, filosofia e arte) - *pós-modernismo*<sup>2</sup>.

## Modernismo e pós-modernismo

O modernismo ou a modernidade cultural (que abrange os campos da ciência, da filosofia e da arte), também sofre “alterações” radicais no pós-modernismo. De acordo com Jameson (1996, p. 28) o pós-modernismo revela um fascínio “pela paisagem degradada do brega e do kitsch”. É caracterizado pela hipervalorização do vídeo (principalmente a TV) que promove um grande “consumo” dos seriados e dos filmes *B* hollywoodianos; é o uso exagerado de categorias tais como o gótico e o romanesco. Este material, mais do que “citação”, é *incorporado* a própria substância da obra. Neste sentido, a arquitetura, segundo Jameson (1996), é a arte mais expressiva do pós-modernismo porque a mais próxima da economia, ou seja, há uma relação imediata entre a arquitetura e o capital multinacional. No entanto, afirma ainda o autor, não é toda a produção que é pós-moderna. O pós-modernismo é um “campo de forças em que vários tipos bem diferentes de impulso cultural [...] tem que encontrar seu caminho”

O saber (ou a ciência moderna) – essência do projeto iluminista – é rejeitado pelo pós-modernismo; há um confronto explícito entre o saber legitimado pelo conhecimento universal e o conhecimento pragmático, sem fins absolutos. O conhecimento, no conceito dos pós-modernos, busca sua própria “legitimidade” por vias opostas, caracteriza-se pela heterogeneidade, pela diferença, pela superficialidade dos gêneros, pela anarquia e pela *paralogia* (Lyotard). Caracteriza-se ainda, pelo “desprezo” à história contínua, social, cultural em favor da hipervalorização da estética.

O conhecimento pós-moderno rejeita os grandes sistemas filosóficos que constroem o sujeito, capaz de “alcançar” o Espírito absoluto (Hegel), ou a explicação de um modelo de mundo formulado por uma epistemologia centrada na capacidade crítica da razão (Kant). Dessa forma, toda a construção do saber filosófico e científico modernos sofre o processo de “desfazimento” (I. Hassan) dos críticos pós-modernos.

No entanto, a crítica ao modernismo surge em seu próprio contexto e é “denunciada” por contemporâneos da Filosofia moderna tais como Nietzsche e Heidegger. A crítica sobre o conhecimento moderno provoca o surgimento do mo-

<sup>1</sup> Os problemas aqui elencados são analisados nas obras de Sérgio P. Roaunet - *As Razões do Iluminismo*; D. Harvey - *Condição Pós-moderna*; F. Jameson - *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*; L. Hutcheon - *Poética do pós-modernismo*. Esses autores, cada um dentro de sua objetividade específica, analisam a problemática da pós-modernidade com a finalidade de objetivarem a sua identidade cultural.

<sup>2</sup> Os termos empregados *pós-modernização* e *pós-modernismo* estão aqui referendados na concepção de J. Habermas e M. Berman apresentados na obra de Nestor G. Canclini - *Culturas Híbridas*.

vimento pós-estruturalista, que na análise de Derrida, Barthes, Foucault, refletem a postura da razão como um instrumento de poder vigente (ROUANET, 1987, p. 242). Assim, a ciência e a filosofia pós-modernas negam o projeto de conhecimento do Iluminismo e se colocam em favor de um conhecimento fragmentado, não mais definido por aqueles padrões.

O campo dos valores, por sua vez, não sofre esfacelamento menos significativo do que o científico. Os valores racionalizados e secularizados, representados pela moralidade laica e universal, entram em crise e a moral burguesa do sistema capitalista do início do século XX é substituída por uma moral “anárquica”, que reflete a expressão do individualismo; assim, os grandes conceitos da “ordem” positivista moderna, começam a ruir, principalmente após os anos 50. Os valores pós-modernos passam a expressar os sentimentos e paixões individuais. Nesse sentido, afirma Rouanet (1987) a moral pós-moderna designa: “a passagem da moral moderna, derivada de princípios universais e supondo a subordinação da vida pulsional à razão, a uma nova moral que coloca ênfase sobre os valores da vida e da espontaneidade”.

Não há uma expressão única do pós-modernismo (e o movimento em nenhum momento manifesta tal intenção). Rouanet (1987), orientado pela análise de Andreas Huyssen, divide a expressão pós-moderna em dois grandes segmentos: o primeiro, abrange a década de 60 e caracteriza-se pelo apogeu da *new left*, da contracultura, dos movimentos pacifistas; é anárquico e vanguardista. Não representa ainda um rompimento com o alto modernismo em si, mas sim com o institucionalismo e com a cultura oficial. É atraído pelas novas tecnologias<sup>3</sup>. O segundo segmento manifesta-se a partir dos anos 70 e caracteriza-se por uma postura mais apática e em geral mais despolitizada, “caracteriza o esgotamento da primeira geração. Sobrevive apenas um certo interesse na recuperação das tradições esquecidas e reprimidas, como a das mulheres, e nas culturas do 3º mundo.” (ROUANET, 1987, p. 249). Esse esgotamento, segundo Jameson (1996, p.119-149) é representado pela *ausência de criatividade* e na produção do *pastiche*, que é a imitação pela imitação, expressa a *canibalização* do passado e a hipervalorização do presente.

A arte adquire caráter múltiplo como ação - *happening* - visão processual, ambiental, conceitual (Hassan). Já não tem mais compromisso com visões políticas e sociais, ou com estilos e formas modernistas. A relação artística ocorre apenas entre o criador e sua obra. Quase tudo é apenas signo - a obra e seu referente são apenas signos um do outro (Wahrol -*Dimond Dust Shoes*) (JAMESON, 1996, p. 34).

Quanto ao cinema, este se torna um “verdadeiro manual de citações.” (ROUANET, 1987, p. 254); Truffault, Wood Allen, demonstram claramente que “tudo é intertextual, todo texto é sempre sobre outro texto” (Derrida). Esta “colagem” de textos é uma das características básicas também da literatura pós-

<sup>3</sup> Esta concepção também se faz presente na análise de L. Hutcheon: *Poética do pós-modernismo*.

-modernista<sup>4</sup>, que é fragmentada, fraturada, uma construção intertextual<sup>5</sup>. A literatura pós-moderna rejeita os grandes relatos, é a reciclagem dos *gêneros espúrios* (Eco); é um relato que se organiza, enquanto tal, através de outros relatos (Lyotard). Enfim, é o abandono das narrativas tradicionais, promove a ruptura entre o erudito e o popular.

## Considerações finais

Retornando ao ponto comum de referência entre os críticos pós-modernos (brevemente aqui apresentados), que se refere ao *envelhecimento da modernidade*, pode-se afirmar que, de fato, todas as manifestações pós-modernas expressam o abandono dos conceitos modernos, considerados “velhos”, ultrapassados, desprovidos de sentido. No entanto, faz-se necessário considerar (concordando aqui com Jameson) que o pós-modernismo, mais do que a pura rejeição dos valores modernos, é o *reflexo* do individualismo (gerado pela própria modernidade) e do desejo de *poder*, que caracteriza a posse mesmo que fragmentada, parcializada, individualizada.

Em referência a esfera do saber, para uma melhor compreensão sobre a interpretação filosófica de pós-modernidade, deve-se mencionar ainda à visão pragmática do conhecimento (Dewey), que é direcionada para uma *filosofia da ação* e que rejeita os modelos propostos pelos grandes sistemas filosóficos da modernidade (Descartes, Kant, Hegel). Dessa forma, os filósofos considerados pós-modernos (Lyotard, Habermas, Foucault, Derrida, Deleuze, Guattari, inserindo ainda as posturas críticas de Nietzsche e Heidegger) se identificam pela crítica aos grandes sistemas (geradores de condições totalitárias tais como o positivismo, ou ainda regimes como o nazismo, fascismo e estalinismo). A crítica ao projeto iluminista se faz presente também na filosofia da ciência (T. Kuhn e P. Feyerabend) e na filosofia da linguagem (Wittengestein) e filosofia analítica (K, Popper).

Na esfera filosófica, a característica genérica, presente na crítica da maioria dos filósofos pós-modernos, refere-se à rejeição às “metanarrativas” (interpretações teóricas de larga escala pretensamente de aplicação universal), que se manifestam nos discursos modernos. Estas se sustentam por princípios condutores do saber absoluto, constituído pela especulação. Esta concepção, geradora dos grandes sistemas filosóficos da modernidade (dialética hegeliana, hermenêutica fenomenológica, materialismo histórico), provoca a “prisão” do sujeito e a condição de opressão, bases teóricas que fundamentaram muitos dos movimentos totalitários.

No combate a estes sistemas filosóficos destacam-se, principalmente as críticas de Nietzsche e Heidegger, surgidas ainda no contexto central do conheci-

<sup>4</sup> As referências sobre esta leitura decorrem do curso sobre *narrativa e experimentação pós-moderna*, ministrado pela Dr. <sup>a</sup> Irlamar Chiampi (PUC/SP), 2º sem/97. Também há referências na obra de Umberto Eco - *Apocalípticos e Integrados*, ed. Perspectiva.

<sup>5</sup> Características da literatura experimental latino-americana. Ver literatura de Manuel Puig e Luiz Rafael Sanches (Irlamar Chiampi - narrativa e experimentação pós-moderna (PUC/SP, 2º. sem/97).

mento moderno. A partir dos anos 60, porém, um grupo significativo de filósofos dedicaram-se à reflexão sobre a identidade da epistemologia pós-moderna. Dentre estes, destacam-se Habermas, Derrida, Deleuze, Guattari e Lyotard. As análises destes pensadores não são consensuais, pelo contrário, mesmo considerando-se o ponto comum que é a rejeição aos grandes sistemas filosóficos, as leituras percorrem visões diferentes e divergentes sobre o caráter do conhecimento e da condição pós-moderna.

## Referências bibliográficas

- CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas*. Tradução Ana Regina Lessa/ Heloisa P. Cintrão, São Paulo: Edusp, 1997.
- CONNOR, Stiven. *Cultura Pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*, trad. Adail U. Sobral/Maria S. Gonçalves, São Paulo: Loyola, 1992.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*, 2. ed. São Paulo: Perspectiva, [s.d.].
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. Tradução Ricardo Cruz, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.
- LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-moderna*, trad. José Bragança de Miranda, 2. ed., Lisboa: Gradiva, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Pós-moderno Explicado às Crianças*. Tradução Tereza Coelho, 2. ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.